



Actions in the study and enhancement of the megalithic heritage at Vouzela (Viseu). The rehabilitation project of the Lapa da Meruje dolmen

António Carvalho and Aníbal Costa

EasyChair preprints are intended for rapid dissemination of research results and are integrated with the rest of EasyChair.

June 28, 2021



Ações de estudo e valorização do património megalítico de Vouzela (Viseu). O projeto de reabilitação da Anta da Lapa da Meruje

António Faustino Carvalho

Universidade do Algarve, Faro, Portugal, e-mail: afcarva@ualg.pt

Aníbal Costa

Centro de Investigação em Riscos e Sustentabilidade na Construção (RISCO), Universidade de Aveiro, Portugal, e-mail: agc@ua.pt

Resumo

Desde 2016 que têm vindo a ter lugar diversas ações de inventariação, estudo científico e valorização do importante património megalítico de Vouzela, as quais têm decorrido no quadro de projetos de investigação aprovados pela Direção-Geral do Património Cultural. Devido a esta multiplicidade de ações e aos seus princípios conservacionistas, as intervenções arqueológicas intrusivas têm sido minimalistas e levadas a cabo apenas em monumentos ameaçados ou para os quais tenha havido iniciativa política (autárquica) e meios para a sua valorização patrimonial. Entre aquelas ações destacam-se a criação em 2019 da rota municipal “Gigantes de Pedra. Rota Cultural do Megalitismo de Vouzela” e em 2021 o arranque do processo de classificação e reabilitação da Anta da Lapa da Meruje.

Este é um dos maiores dólmenes da região, tendo sido sondado em 1917, numa área muito limitada da câmara, por Amorim Girão. Localiza-se num belíssimo enquadramento paisagístico numa plataforma de meia-vertente no quadrante NW da Serra do Caramulo, junto à confluência de dois cursos de água hoje represados. Os trabalhos iniciados em 2016 incidiram na câmara, corredor e átrio, onde se pôde identificar uma “estrutura de condenação” que selou o monumento na passagem do IV para o III milénio a.C., após a sua construção em inícios do IV milénio a.C. Trata-se de um monumento arquitetonicamente complexo. Apresenta câmara de nove esteios, corredor de 9 m de comprimento, envolvidos por um contraforte. Há gravuras esquemáticas neolíticas na câmara e corredor. A mamoa tem 32 m de diâmetro e 2 m de altura, e era revestida por uma couraça pétreia.

O objetivo da intervenção, prevista para o verão de 2021, é duplo: obter mais dados científicos sobre o monumento e criar condições para permitir o seu usufruto público, reabilitando também as estruturas para visitantes já existentes no local desde 1999.

Palavras-chave: Reabilitação; Projeto; Megalitismo; Vouzela.



1. INTRODUÇÃO

Por iniciativa da Câmara Municipal de Vouzela, decorreu entre 2016 e 2019 na área deste município um projeto intitulado “*Estudo do património histórico-arqueológico de Vouzela*”, o qual tinha objetivos puramente científicos (levantamento documental, propeção arqueológica, estudos de espólios de escavações antigas, escavações arqueológicas) mas com uma importante vertente de proteção e valorização patrimoniais. Como previsto nesse projeto [1], “[o] conjunto de dados assim reunidos [durante o inventário e prospeção arqueológica] constituirá a base sobre a qual se procederá, com a conclusão do presente projeto, à elaboração de um programa que vise, através de diversas valências e ações a definir nesse momento, a valorização deste património e a definição de estratégias para o seu usufruto público” (p. 116). Entre os diversos sítios e monumentos existentes no município (dólmenes neolíticos, povoados fortificados proto-históricos, torres medievais, minas), os esforços de investigação e valorização foram dirigidos para a Anta da Lapa da Meruje, que por essa razão tem sido objeto de trabalhos de escavação continuados desde 2016 [2].

Conquanto sejam desde há muito conhecidos monumentos megalíticos em Vouzela [3], os dramáticos incêndios florestais de outubro de 2017 vieram revelar que, sob a espessa cobertura vegetal da Serra do Caramulo, existiam dezenas de monumentos tumulares pré e proto-históricos de que apenas se suspeitava. Porém, a perceção da verdadeira dimensão deste fenómeno cultural foi totalmente inesperada. De um total de 45 sítios inventariados na base de dados Endovélico da Direção-Geral do Património Cultural (DGPC) à data de início daquele projeto, esse número ascende na última atualização do inventário do projeto (setembro de 2020) a 143. O potencial científico e patrimonial destes novos achados implicou deste modo uma importante inflexão nas ações previstas [4], pelo que se desenharam diversas medidas de proteção e valorização e se elaborou um segundo projeto de investigação, especificamente orientado para o seu estudo, “*Megalitos, espaços, gentes e ambiente. Manifestações tumulares pré e proto-históricas da região de Lafões (Viseu)*”, que está em curso no quadriénio de 2020-2023 [4].

As ações de proteção e valorização que têm sido levadas a cabo passam hoje, entre outras, pela criação e manutenção de uma base de dados patrimonial para gestão do território, pela delimitação física dos monumentos (por forma a impedir afetações provocadas por trabalhos silvícolas), pelo contacto com as populações locais tendo em vista a chamada de atenção para os sítios arqueológicos conhecidos e a necessidade da sua salvaguarda, e pela criação de uma equipa permanente nos serviços da autarquia para a sua monitorização. Uma das iniciativas mais salientes em termos de valorização patrimonial foi a criação de uma rota megalítica que inclui cinco necrópoles, intitulada “*Gigantes de Pedra. Rota Cultural do Megalitismo de Vouzela*”, inaugurada em novembro de 2019, de livre acesso, com um percurso predefinido e sinalética própria, e dispondo de um desdobrável de apoio que pode ser obtido no Posto de Turismo na vila de Vouzela. Esta rota foi em abril de 2021 integrada na ferramenta designada por “*Hospitalidade e Estruturação Turística*”, desenvolvida no âmbito do projeto de ativação da Rede Patrimonial Viseu Dão Lafões, por iniciativa da respetiva Comunidade Intermunicipal (<https://www.exploraviseudaolafoes.pt>).

2. A ANTA DA LAPA DA MERUJE

Pertencente à antiga freguesia de Carvalhal de Vermilhas, a Lapa da Meruje é um dos dólmenes mais icónicos da região graças a um conjunto particular de particularidades que aqui convergem. Em primeiro lugar, a morfologia muito particular da espessa laje de cobertura da câmara, popularizada pelo facto de figurar entre as mais antigas fotografias de dólmenes beirões, nas décadas de 1920 e 1950 (Fig. 1), a que se deve acrescentar o bom estado de conservação da mamoa e do edifício megalítico propriamente dito. Em segundo lugar, este dólmen tem a curiosidade histórica de ter sido sondado numa época precoce da investigação arqueológica de Lafões, a 29 de março de 1917, por A. Amorim Girão, que o trouxe para o conhecimento científico [3]. E, finalmente, a sua localização, numa pequena bacia na vertente NW da Serra do Caramulo, a 925 m de altitude, junto de uma albufeira construída no final da década de 1990, o que lhe confere um enquadramento paisagístico belíssimo (Fig. 2).

Foi por este conjunto de fatores que se decidiu intervir e encetar um conjunto de medidas de valorização do mesmo, também por iniciativa camarária. Assim, este dólmen foi integrado na rota megalítica local e encontra-se neste momento em curso o processo administrativo conducente à sua classificação como Monumento Nacional. A autarquia procedeu também entretanto à revalorização da envolvente, criando e melhorando infraestruturas de acesso e estacionamento automóvel, criação de roteiros pedestres e de BTT, aproveitando a delimitação física da mamoa e um passadiço em madeira, que a envolve para permitir a visita, que já existiam desde finais da década de 1990.

Os trabalhos de escavação já realizados [2] permitem hoje descrever com algum rigor as características arquitetónicas da Lapa da Meruje (Fig. 3), que se notabiliza pelas suas grandes dimensões. A câmara, com cerca de 3x3 m de área, é formada por sete esteios, e o corredor, irregular e ligeiramente desviado para NE, atinge 9 m de comprimento. Em frente do corredor existia um átrio exterior, lajeado, que foi parcialmente desmantelado e selado aquando do encerramento do monumento, ainda em época pré-histórica. Apenas na câmara se preserva a laje de cobertura, de contorno trapezoidal e uma espessura variando entre 30 e 50 cm. Apesar de não se dispor ainda de datações de radiocarbono, os elementos materiais já recolhidos apontam para a fundação do monumento no Neolítico Médio (4000 a.C.) e o seu encerramento cerca de um milénio depois, na passagem para o Calcolítico. Um dos aspetos interessantes neste local, que será desenvolvido na continuação do seu estudo, é a presença de vestígios de reutilização do local na Proto-História (talvez também de carácter funerário) e na Idade Média (quando terá servido de abrigo temporário de pastores), para além da simbologia e das tradições orais tradicionais que se lhe referem.

Registe-se também a existência de gravuras pré-históricas nos esteios da câmara e do corredor (representações abstratas por vezes de tendência geométrica), que estão em curso de levantamento e estudo. Na câmara existe a representação de uma custódia — que terá sido realizada, tanto quanto se pôde apurar, ainda no final do século XX — enquanto no topo do chapéu se encontra um conjunto de grafismos de época histórica (covichas, cruces e um tabuleiro de “jogo do alquerque”) relacionadas com os usos mais recentes dados a este sítio pela população local.

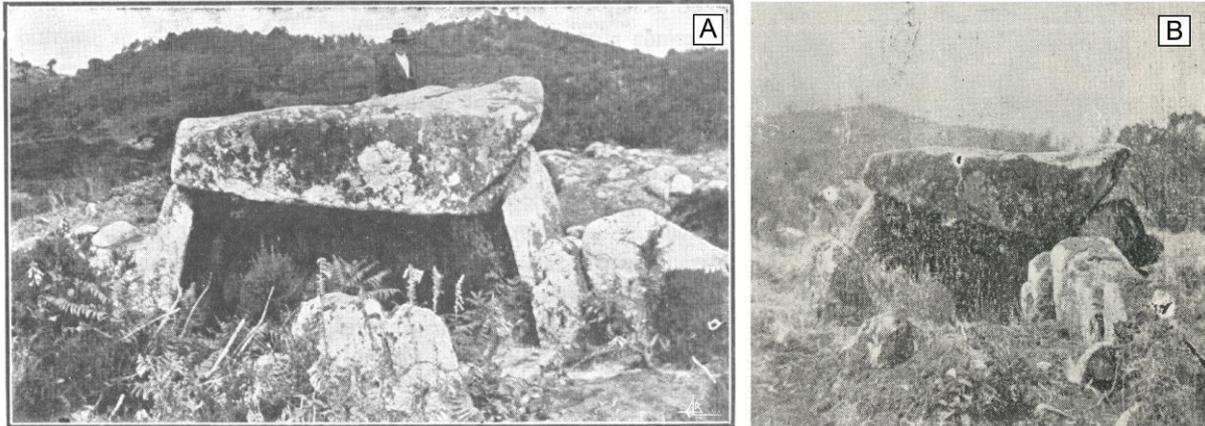


Figura 1. Foto A - Vista da câmara e de parte do corredor da Anta da Lapa da Meruje a partir de nascente, segundo A. de Amorim Girão (1921). Foto B - Mesma vista anterior, publicada por C. Moreira de Figueiredo (1953).



Figura 2. Vista aérea da Anta da Lapa da Meruje e da albufeira adjacente antes de iniciados os trabalhos arqueológicos em 2016 (foto de drone por Júlio Rocha, CMV).



Figura 3. Foto A - Vista geral do átrio e corredor, após a sua escavação em 2018 (foto João Rocha, CMV). Foto B - Vista do átrio e da entrada, com parte do lajeado original em primeiro plano.

3. O PROJETO DE REABILITAÇÃO

3.1 Princípios e objetivos

Como resultado da filosofia dos sucessivos projetos de arqueologia, a escavação da mamoa da Anta da Lapa da Meruje foi tão minimalista quanto possível. Optou-se apenas pela abertura de uma sanja, no quadrante sul da mesma, que teve como objetivo o reconhecimento da sua estrutura e arquitetura internas. Foi possível observar a presença de um espesso contraforte (pelo menos junto ao contacto câmara/corredor), sendo o corpo da mamoa formado por blocos graníticos de diversas dimensões embalados em terra. A mamoa tem também uma carapaça pétreia, que a revestia originalmente em toda a extensão. Como o objetivo inicial da intervenção era também a obtenção de elementos que pudessem dar corpo a uma narrativa mais informada da história do monumento — isto é, arquitetura, fases, cronologias e funções de utilização, recuperação de materiais arqueológicos musealizáveis, otenção de elementos paleoecológicos, etc. — e criar condições para a circulação de visitantes no seu interior, escavou-se também parte do átrio (cuja existência se denunciava pela própria topografia da mamoa), a totalidade do corredor e apenas uma pequena parte da câmara, do seu lado sul.

Porém, os trabalhos não se alargaram à totalidade do espaço da câmara por razões de segurança. Com efeito, a pesada laje de cobertura assenta apenas em quatro pontos dos esteios da mesma e encontra-se resvalada para o interior pelo seu lado norte, podendo colapsar caso os esteios deste lado percam estabilidade, por exemplo com a remoção em escavação do espesso depósito sedimentar que o envolve. Este facto, que constitui uma ameaça à estabilidade do edifício, impede também a futura circulação de visitantes no interior do monumento. Da mesma forma, alguns esteios do corredor apresentam uma notória inclinação para o interior, seguramente desde época recuada, uma vez que apresentavam já essa inclinação aquando da escavação. Para além destes problemas com a



arquitetura, a rocha utilizada na construção do monumento, um granito biotítico-moscovítico de grão médio a grosseiro, disponível na geologia local [5], apresenta alguns sinais de meteorização, tais como arredondamento, esboroamento e criação de fissuras (sobretudo no topo dos esteios onde que assenta o chapéu da câmara). Esta meteorização será particularmente acelerada pelas oscilações sazonais da pluviosidade (valores médios: 8 mm em julho e 127 mm em dezembro) e da temperatura (valores médios: 32°C em julho e -5°C em dezembro). Não se dispõe de dados sobre o eventual impacte a este nível da proximidade da albufeira.

Perante este cenário, definiu-se neste projeto de reabilitação um objetivo prioritário, portanto no curto prazo: intervir na arquitetura do monumento no sentido de garantir a sua estabilidade estrutural e avaliar a possibilidade de proporcionar ao público visitante a circulação no seu interior. Já os efeitos da meteorização acima descritos parecem não requerer intervenção neste prazo, mas talvez apenas a longo prazo e ainda indeterminável. Com efeito, a comparação entre o estado atual do dólmen e o que se percebe a partir das suas mais antigas fotografias, publicadas em 1921 e 1953 (Fig. 1), não mostra qualquer alteração visível na arquitetura nos últimos cem anos, pelo que se pode deduzir não ter este aspeto uma influência marcante na conservação do conjunto.

3.2 Propostas preliminares de reabilitação

Como se referiu, o objetivo da intervenção é intervir na arquitetura do monumento no sentido de garantir a sua estabilidade estrutural, avaliar a possibilidade de proporcionar ao público visitante a circulação no seu interior e a utilização ou não do corredor para esse acesso e o arranjo da área envolvente, com definição da área de proteção. Para este efeito é fundamental conhecer o existente, pelo que serão tomadas as seguintes medidas:

- Levantamento pormenorizado do monumento com a caracterização geométrica de todos os esteios, da tampa do monumento e de toda a envolvente.
- Realização de sondagens às fundações dos esteios da câmara para identificação da sua profundidade e da existência de contrafortes adossados aos mesmos pelo exterior.
- Escavação da área interior da câmara.
- Estabilização dos esteios do corredor de acesso.

A primeira medida tomada pela equipa projetista, com o apoio da Câmara Municipal de Vouzela, foi requerer um levantamento topográfico e tridimensional de todos os elementos que constituem o monumento, nomeadamente dos esteios, tampa e geometria da mama, bem como da sua envolvente, à semelhança do que se tem feito em casos semelhantes, como por exemplo no dólmen do Carapito, em Aguiar da Beira (Fig. 4).

Na posse do levantamento tridimensional de cada um dos esteios e da tampa, será realizado um modelo numérico que permitirá a verificação da segurança do monumento nas diferentes fases de intervenção.



Figura 4. Levantamento topográfico e tridimensional do dolmen do Carapito (Fonte: Hugo Pires).

Este tipo de monumentos tem todo um legado arquitetónico, que por vezes se organiza em *layers* históricos, o que gera sempre conflitos de escolha de opções, a maioria muito interessantes e com grande relevância científica, entre o escavar mais para se conhecer melhor e a estabilidade do monumento. Portanto, a definição da cota de escavação no interior da câmara será um tema certamente interessante para discutir na intervenção, porque a sua profundidade, que pode ser relevante para fins arqueológicos, poderá colocar em causa a segurança estrutural do monumento, o que significa que terá de haver um compromisso entre o que escavar e como. Não poderá haver dúvidas de que a escavação terá de ser efetuada por camadas e por frentes de trabalho, que nunca poderá abranger a totalidade da frente do esteio, para não fragilizar o apoio do mesmo.

Previamente deverão ser realizadas sondagens pontuais que permitam identificar a extremidade do esteio na escavação e assim identificar de forma clara qual o comprimento que o esteio entra no terreno, de modo a ser possível clarificar qual a cota máxima de escavação. Como se compreende, esta escavação é delicada e, para ser realizada em condições de segurança, será prevista uma estrutura provisória que previna o acidente. Portanto, esta estrutura será uma estrutura preventiva que só será colocada em serviço caso suceda algo imprevisto, que neste caso corresponderá à movimentação da tampa. Neste sentido, será concebida uma estrutura que abraçará a tampa através de umas correias que ficarão aconchegadas à tampa de modo a que se esta se movimentar as correias entrarão em serviço e suspenderão a tampa travando esse movimento. Como se pode visualizar nas Figs. 5 e 6, a tampa está apoiada pontualmente nos esteios, e na Fig. 6 é possível verificar que está a escorregar para o interior da câmara do lado direito (norte) empurrando o esteio, que lhe dá apoio nessa zona, para o exterior. Que no entanto este escorregamento da tampa não é recente pode verificar-se também na Foto A da Fig. 1, datada de 1921, em que se nota que a mesma já se encontrava então na posição atual. Como se compreende, o facto de se escavar no interior da câmara irá fragilizar o apoio

desse esteio, podendo dar origem a movimentos do mesmo para o exterior e como consequência a queda da tampa para o interior da câmara, o que significaria a colocação em perigo de vida das pessoas que estiverem no seu interior.



Figura 5. Apoios da tampa nos esteios.



Figura 6. Pormenor do apoio da tampa no esteio do lado direito visível na Fig. 5.

A estabilização dos esteios do corredor passará pela limpeza arqueológica da parte de trás dos esteios, verificando a existência ou não de contrafortes, depois serão realizadas sondagens para se saber qual é o comprimento que o esteio apresenta na parte enterrada e com este conhecimento será proposta uma solução para a verticalização dos esteios do corredor que passará pela criação na parte de trás dos esteios de elementos estabilizantes que permitam deixar o esteio sem apoios do lado interno, funcionando os esteios como consolas sujeitas à ação do terreno e da água, ações essas que se procurarão eliminar com a solução proposta.

4. CONCLUSÕES

No momento atual, o projeto de reabilitação da Anta da Lapa da Meruje está ainda em elaboração, pelo que não é possível para já apresentar soluções definitivas. Mais importante ainda, os próprios resultados dos trabalhos arqueológicos prévios, previstos para o verão de 2021, serão determinantes quanto à solução a implementar. Quatro questões em especial merecerão nesse momento particular atenção:

- A estrutura da mamoa e a estabilidade da arquitetura do edifício permitirão a livre circulação de pessoas pelo seu interior, como inicialmente pensado, ou não? E se sim, de que modo e sob que condições de segurança (dos visitantes e do próprio monumento) poderá essa circulação acontecer?
- Tendo-se verificado existir arte megalítica gravada nas faces internas dos esteios da câmara e do corredor, a qual é hoje, seis mil anos depois de executada, praticamente invisível a olho nu, de que modo poderá esta componente particular da história e das vivências do sepulcro neolítico ser valorizada junto do grande público sem que isso ponha em causa a sua preservação?



- Outra das grandes questões é determinar que tipo de estruturas de proteção do monumento serão as mais adequadas face ao impacto humano no local decorrente das diversas atividades que aqui têm lugar presentemente (e que poderão intensificar-se num futuro próximo). Com efeito, precisamente graças ao polo de atração que este local exerce na região, decorre aqui um conjunto alargado de atividades de lazer (passeios, prática de BTT, pesca desportiva, etc.) que acarretam um impacto extra sobre o monumento, que urge minimizar.
- Finalmente, há que manter presente que a Lapa da Meruje apresenta uma das mais bem conservadas mamoaas da região, ao contrário do que acontece noutros casos que têm vindo a ser objeto de ações de reabilitação semelhantes. O dólmen do Carapito, acima referido, é disso exemplo (Fig. 4). Se a presença de uma mamoa bem conservada é em si mesma garantia *a priori* de um nível de proteção relativamente mais elevado do monumento, esse facto por outro lado condiciona de alguma forma a aplicação neste local de algumas das soluções mais correntes.

A respeito deste último tópico, não seia de ser interessante, no âmbito da elaboração de um projeto desta natureza, verificar o “parecer” da população local que nos foi transmitido: um “parecer” que defende a preservação do monumento com o aspeto e a configuração atuais, isto é, sem estruturas adicionadas que lhe alterem grandemente a imagem que dele essas populações conservam há gerações.

REFERÊNCIAS

- [1] Real, M. L., Carvalho, A. F., Tente, C. (2017). Projeto de estudo do património histórico-arqueológico de Vouzela (Viseu): objetivos e primeiros resultados. II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Arqueologia em Portugal. 2017: Estado da questão. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 113-123.
- [2] Carvalho, A. F. (2018). Anta da Lapa da Meruje (Vouzela, Portugal). Resultados preliminares dos trabalhos em curso. De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular. Nelas: Fundação Lapa do Lobo, 201-216.
- [3] Girão, A. A. (1921). Antiguidades Pré-históricas de Lafões. Coimbra: Universidade de Coimbra, 68 p.
- [4] Carvalho, A. F., Carvalho, P. S., Soares, F. [et al.] (2020). Wildfires and megalithic survey. Inventory and preliminary analysis of Neolithic to Bronze Age mounds in the Lafões territory (Beira Alta, Portugal). Megalithic monuments and cult practices. Proceedings of the third international symposium. Blagoevgrad: Neofit Rilski University Press, 164-174.
- [5] Ferreira, N. (coord.) (2010). Carta geológica de Portugal. Notícia explicativa da Folha 17-A, Viseu. Lisboa: Laboratório Nacional de Energia e Geologia, 66 p.